

ENTREVISTA

Por Sylvio Guedes

No momento em que a literatura infantil recebe um sopro de vida e vigor com o surgimento de novas propostas, de uma mudança de mentalidade, tanto por parte de escritores como de editores, é importante ouvirmos o depoimento de uma mulher, que, há muitos anos, lançou ela própria uma nova proposta, inovadora, alegre, ágil e baseada num único e definitivo princípio: respeito à criança e à sua inteligência.

Yvonne Jean:

"Respeito muito a criança"



Yvonne Jean, jornalista e escritora, autora de vários livros infantis: "a criança de hoje está mais com os pés na terra".

Quando se fala em literatura no Brasil, qualquer que seja o gênero ou estilo, imediatamente surge uma questão: o brasileiro tem o hábito de ler? A resposta é óbvia: não, ainda não. E o raciocínio se estende naturalmente a todas as faixas etárias e, talvez, a maior prejudicada de todas elas seja a infantil, as crianças. E por que isso?

A primeira e grande causa, apontada por autores, editores e livreros é a total inexistência de bibliotecas nas escolas. Não existe no país uma política que vise o aumento de bibliotecas públicas (ou mesmo particulares), de número de livros à disposição do público e, principalmente, uma estratégia que consiga arrastar a criança para a leitura. Isso apesar do público infantil ser o que possui menos conceitos pré-estabelecidos e maior facilidade para se adaptar a novas realidades, práticas ou não da sua cultura.

Yvonne Jean, escritora, jornalista, bega de nascimento, há 30 anos no Brasil, desde 1962 em Brasília (e foi por Darcy Ribeiro à época da criação da UnB) e é uma das poucas de livros infantis que acredita que o esquema de literatura infantil feita à base de fadas e bruxas acabou.

Assim como ela, outros escritores têm surgido com novas propostas de leitura infantil, muito discutidas e criticadas, julgando pelo fato de serem novas. "Contos do Mar", "Os Tucuzinhos da Floresta Alegre", "Joãozinho no país das sobremesas" e, mais recentemente, "Os dois reinos", são algumas das obras de Yvonne Jean dedicadas às crianças.

Como tradutora simultânea e escritora que é, Yvonne teve a possibilidade de conhecer pelo mundo fora, personalidades que fizeram a história de nosso século. Sem falar, obviamente, nos livros que ela definiu como "um livro de convivência. São livros que a criança lê desde que tem sempre uma dose de humor, isso eu considero muito importante. Ainda existem muitos

de Andrade, Portinari e Graciliano Ramos, até Albert Camus e Pablo Neruda". E, como ela logo de início me alertou, "estou acostumada a entrevistar e não ser entrevistada". Mas, mesmo assim, o seu depoimento é importante e coloca um pouco de luz sobre o problema da literatura infantil no Brasil.

CB: Você agora trabalha basicamente como tradutora simultânea, certo? Mas qual foi a sua experiência como jornalista?

YJ: Bem, para começar, posso dizer que trabalhei dez anos no *Correio Braziliense* fazendo a coluna "Esquina de Brasília". Trabalhei ainda no Diário de Notícias, Correio da Manhã, Folha de São Paulo, Jornal de Brasília e em praticamente todas as revistas de importância no país.

CB: E quando foi que você começou a se interessar por literatura infantil?

YJ: Isso faz muito tempo, muito tempo mesmo. Foi por exemplo, uma peça para a Rádio MEC, na época que ainda não existia televisão, chamada "Nada no Fundo do Mar". Mas isso foi há muitos anos.

CB: E de lá para cá?

YJ: De lá pra cá eu escrevi, para crianças, esses livros que eu já citei, escrevi para jornais e revistas e, como disse, estou concluindo esse meu livro.

CB: Mudaram as crianças ou mudou a literatura infantil?

YJ: Acredito que mudaram os dois. A criança hoje já está mais com os pés na terra. E, atendendo a isso, os escritores mudaram também. É claro que existem exceções, mas de uma forma geral tem surgido novas propostas, uma nova consciência. São livros ou brinquedos sempre com uma dose de fantasia, porque a fantasia é fundamental para o desenvolvimento da criança. E, por ter sempre uma dose de humor, isso eu considero muito importante. Ainda existem muitos

livros sentimentais, mas a maneira moralizante de escrever livros infantis do início do século está superada. Mas repto, a fantasia tem que continuar.

CB: E os editores? Como anda o mercado editorial para a literatura infantil?

YJ: Melhorou muito, mas não por bondade dos editores. Quero dizer, eles estão privilegiando a boa literatura infantil porque eles sabem que coisa boa vende. Eles estão compreendendo que a criança mudou e já não aceita qualquer boboseira.

CB: Como então deve ser o livro infantil para alcançar sucesso, atingindo a criança?

YJ: Antes de mais nada, muito ilustrado. Bastante ilustração, de preferência a cores. Apresentação moderna. Para os bem pequenos, que bebês, livros de pano para que eles aprendam desde cedo a manusear o livro. Depois, já na escola, a responsabilidade maior é das professoras. Escolher bem, livros com algum humor porque a criança é inteligente, ela compreende e gosta de boa literatura.

CB: E isso tem sido feito?

YJ: Não, claro que não. O grande problema de se criar o hábito de leitura nas crianças é justamente a falta de bibliotecas nas escolas. Mas não uma biblioteca comum. Deve ser criada uma sala especial para a criança, onde ela tenha acesso, ou seja, simples, alegre, com papel para ela desenhlar e com livros. Um lugar onde elas se sintam bem, onde se crie o prazer e não o dever de ler. O mesmo prazer que elas hoje têm em ligar um aparelho de TV devem ter em abrir um livro.

CB: Você acha válido e produtivo se fazer versões de obras infantis para a televisão e para a TV?

YJ: Desde que se tenha qualidade: sim. Veja o caso do *Slit* do Picapau Amarelo, por exemplo. No cenário era lindo, seguia bem o espírito de Monteiro Lobato, um esboço muito original, capaz de ensinar Matemá-

tica sem que as pessoas percebam. Agora ele mudou completamente. Está violento, virou o *Incrível Hulk*. Por isso que a televisão atrapalha demais. Os enlatados estrangeiros, que compõem a maior parte da programação destinada às crianças, são terríveis, alienantes, burros, violentos, grosseiros, ensinam a falar errado, assim como Os Trapalhões que é inclusive racista. Programas sem a menor finura. Assim não é saudável fazer verdades. Eu respeito muito a criança.

CB: O problema básico então é a falta de bibliotecas?

YJ: Sim, e de que as professoras ensinem as crianças o prazer de ler (depois então forma - se o hábito). Veja por exemplo uma coisa que aconteceu comigo. Eu tinha muitos livros que gostava de dar e então telefoni para muitas escolas do Plano Piloto e cidades - satélites.

CB: O que aconteceu? Somente uma professora veio pegar os livros e mesmo assim levou só quatro livros que era muito peso e ela não podia carregar. Tive que vender o resto a preços ridículos porque eu não tinha espaço para guardá-los.

CB: E olha que a professora desempenha papel fundamental no sentido de educar a criança...

YJ: Claro, as professoras não têm e, conseqüentemente, não incentivam as crianças a fazerem isso.

CB: Lê - se muito no exterior?

YJ: Bem, antes já - se muito sim. Hoje eu não sei. Mas, é claro, mesmo assim ainda se lê muito mais que no Brasil.

CB: As crianças também?

YJ: O mesmo acontece com as crianças. Acredito que hoje as crianças americanas e as europeias estejam passando pelo mesmo processo que as brasileiras. A televisão deve ocupar um papel importante. Mas mesmo assim no Brasil as coisas já melhoraram. Mas sem a televisão, talvez não tenham conseguido alcançar uma situação ideal.



O mais recente livro de Yvonne Jean, *Os dois reinos*, da editora Conquista.

As ilustrações alegres e modernas e sempre muito coloridas são importantes fatores de atração.